

EDITORIAL

NEM TUDO QUE PARECE É

Numa das principais avenidas de Maputo, um moderno complexo de edifícios novinhos em folha ocupa um quarteirão inteiro. No topo flutua a bandeira sul-africana. É a Embaixada da República da África do Sul, com certeza. Pode parecer que não é. Apenas está ali instalada uma representação comercial deste País. Razão: Moçambique não tem relações diplomáticas com a África do Sul. Oficialmente isso equivale a nem sequer reconhecer que este País existe.

Na Costa do Sol, mesmo à beira-mar, está em construção uma aldeia constituída por dezenove vivendas de vários tamanhos, escolas, áreas desportivas e recreativas, cantina, clube, sala de aquash e piscina.

O projecto, destinado a ser ocupado pelos funcionários da representação comercial da África do Sul e suas famílias, vai custar 16 milhões de randes e inclui geradores de energia e um reservatório de água para manutenção de fornecimentos durante os frequentes períodos em que é cortado o abastecimento de água e luz à cidade.

No meio da cidade, num pé-tão ajardinado que abre para a rua, encontra-se o túmulo de Louis Trichard. É um belo recanto primorosamente mantido numa sôbria beleza que constitui uma presença de África do Sul que Moçambique continua a respeitar e honrar.

A crescente comunidade sul-africana em Moçambique não se limita a representantes do Governo e às centenas (ou milhares) de gestores e funcionários que mantêm, em todo o País, centenas de empresas, escritórios, fábricas e projectos agro-pecuários e minerais em plena laboração.

Má, ainda, uma população flutuante, que atinge os milhares, chegados ao Maputo em aviões sobrecarregados que a South African Airways e as Linhas Aéreas de Moçambique transportam nas suas carreiras regulares cinco vezes por semana.

Mesmo sem Embaixada em Maputo, os sul-africanos estão de longe mais activos e mais produtivos em Moçambique do que os restantes países ali solenemente reconhecidos e represen-

tados diplomaticamente.

A situação presente das relações sul-africanas/moçambicanas atingem aspectos surreais. Já os nossos melhores servem taler, sem dúvida, das várias comissões mistas, constituídas por quadros de alto nível de ambos os países, algumas encabeçadas por ministros.

Cabe a estas comissões o estudo, debate e resolução de assuntos que cobrem Defesa, Segurança, Economia, Cooperação, Cabora Bassa e tantos outros campos em que os interesses da África do Sul e de Moçambique estão interligados e inter-dependentes.

Vive-se uma época de realidades. Fazia sentido, com certeza, embaixadas da África do Sul em Maputo e de Moçambique em Pretória. Mas mesmo sem elas, PW Botha esteve no Songo, em visita oficial e, a semana passada, PW de Klerk passou um dia em Maputo em conversações com o chefe de Estado Joaquim Chissano.

Essa pergunta às pessoas mais curiosas, porque não se abrem embaixadas se as relações entre os dois países são tão intensas e amigáveis?

Porque quase todas as Constituições dos Estados deste mundo consagram o princípio da não-interferência na vida de outros Estados. Porém, nunca na história do nosso tempo houve tanta interferência, tão descarada e tão arrogante, como há nos dias de hoje.

Se Moçambique, Estado independente e soberano, resolvesse aceitar a troca de embaixadores com a África do Sul, certamente em cima todas as forças anti-apartheid do mundo. Sob a batuta da OUA (Organização de Unidade Africana) e sede de propriedades e ameaças seria insubstituível. Moçambique não quer sujeitar-se a isso.

Houve um país africano, e só um, que teve a coragem de enfrentar o clamor e abrir uma embaixada da África do Sul no seu País, o Malawi. Mas isso é outra história. Ngwenzi Kamuzu Banda só há um. Foi ele que disse uma vez: «Farei até pactos com o diabo, se for para bem do meu povo».